

digital

SER AUTOR, SER DIFERENTE, SER TEIP

CRISTINA PALMEIRÃO · JOSÉ MATIAS ALVES

[coordenação]



PORTO



Ser Autor, Ser Diferente, Ser TEIP
CRISTINA PALMEIRÃO E JOSÉ MATIAS ALVES [COORDENAÇÃO]

© Universidade Católica Editora . Porto
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Coleção · e-book
Coordenação gráfica da coleção · Olinda Martins
Capa · Olinda Martins
Revisão de texto · Cristina Palmeirão

Data da edição · Novembro de 2015
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo
ISBN · 978-989-8366-99-3
Depósito legal · 356140/13

<i>Introdução</i>	· 04 ·
<i>Um tempo de procura, encontro e celebração</i> José Matias Alves e Cristina Palmeirão	
1. <i>“Por que vale a pena lutar”. A observação em parceria como forma de (re)apropriação da docência</i> Alexandra Carneiro	· 12 ·
2. <i>COPA – Colaborar para aprender</i> Ilídia Cabral e José Matias Alves	· 24 ·
3. <i>Supervisão em colaboração – testemunho de uma experiência formativa</i> Eugénia Eduarda Ferreira Sousa e Silva	· 35 ·
4. <i>Supervisão pedagógica e pluridocência. Planos de ação realizados no âmbito da educação e da melhoria da escola</i> Rolando Correia Viana	· 49 ·
5. <i>Gestão escolar e sucesso educativo. A ação do diretor de turma</i> Joaquim Machado e Paulo Gil	· 61 ·
6. <i>A diferença somos nós. Relação Escola-Família-Comunidade</i> Cristina Palmeirão	· 81 ·
7. <i>Como são descritos pelos professores os alunos de hoje? Reflexões a partir de um estudo realizado em agrupamentos/escolas TEIP</i> Luísa Trigo	· 95 ·
8. <i>Prevenir para não remediar: uma intenção, uma estratégia, uma ação</i> António Oliveira, Ana Sofia Azevedo e Tânia de Consciência Barros	· 109 ·
9. <i>Consultoria, currículo e cultura escolar em contexto TEIP. Para a compreensão do pensamento e da ação dos professores</i> Fátima Braga	· 122 ·
10. <i>Diário de uma turma de 8º ano: escrita e gestão de vida do grupo</i> Manuela Gama	· 134 ·
11. <i>A Cultura que se (trans)forma</i> Cristina Bastos	· 149 ·
12. <i>A construção partilhada de um projeto educativo: caso prático</i> Carla Sofia Bernardo Costa	· 158 ·
13. <i>Como pode erguer-se uma escola no deserto?</i> Joaquim Azevedo, Avelino Cardoso, Ana Pereira e Rui Amaral	· 167 ·

DIÁRIO DE UMA TURMA DE 8º ANO: ESCRITA E GESTÃO DA VIDA DA TURMA

*Manuela Gama*¹

RESUMO

O Diário de Turma é um instrumento de discussão das questões importantes para um grupo de alunos que, ao longo do ano letivo, passam junto, uma grande parte do seu dia.

Servem para alguma coisa as palavras que cada um escreve? Faz-se cada um ouvir no que deixa escrito? O entendimento das situações é mais lúcido se escrevemos?

Eis uma turma de trinta alunos. No 7º ano ultrapassaram a tensão explosiva de grupos rivais e agora vestem a mesma “camisola”: a do 8ºB. No Diário vertem-se então as declarações de felicidade de pertença a este grupo. Porém, há pontos de desconforto e desacordo. Situações de dificuldade que, noutra turma, passariam desapercibidas nas urgências do quotidiano. Aqui não. Talvez não se chegue a verdadeiros consensos, talvez muito fique por resolver, mas constrói-se sentimento de pertença e confiança no grupo: a base para se crescer.

Palavras-chave: qualidades não cognitivas/ desenvolvimento moral/ vida de grupo.

ABSTRACT

The Class Diary is a sharing and discussion instrument of important issues for a group of students who spend a great part of the day together, during all the year long.

Are the words from anyone who writes them worthwhile? Is anyone heard from what he or she has written?

Here is an excellent class of thirty students. In the 7th gr

¹ Consultora Serviço Apoio à Melhoria das Escolas (SAME), Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa e Professora do Agrupamento de Escolas Latino Coelho, Lamego, Portugal.

ade they overcame the explosive tension of rival groups and now they wear the same shirt: the 8th B's. In the Diary the declarations of happiness for belonging to this group are then poured. Nevertheless, there are discomfort and disagreement points.

Situations of difficulty that, in another class, would be unnoticed in the urgencies of daily routine. Not here. Perhaps true consensus are not reached, perhaps a lot will be unsolved, but a sense of belonging and confidence in the group is built: the base to grow up

Key words: non-cognitive qualities / moral development / group life.

ENQUADRAMENTO

As Escolas dos TEIP estão, por definição, situadas em meios “socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam.” Um dos objetivos dos programas de intervenção, dizem respeito à prevenção e ao controlo da indisciplina. Também em escolas que não são TEIP, uma grande parte dos casos de indisciplina são protagonizados por alunos de SASE, isto é, com subsídio para auxílio socioeconómico. Quando se pensa em *prevenção* da indisciplina, pensa-se em diminuir as desigualdades no acesso ao saber e em melhor adequar as condições de trabalho necessárias àquele aluno ou grupo de alunos. A prevenção apela sobretudo a medidas organizativas e pedagógicas. Quando se pensa em *controlo*, o discurso e a ação são de ordem normalizadora, acompanhada ou não de desenvolvimento moral. Para o que interessa aqui apresentar, restringiremos o conceito de controlo, como faz Ivo Domingues (2001) ao nível da disciplinação enquanto processo de interiorização de normas, por um lado, e de correção de comportamentos, por outro. É também em nome das necessidades de controlo, que a sociedade exige à escola que dê mais formação cívica aos alunos. Ora, sobre este assunto, a polémica atravessa a História da Educação: pode ensinar-se a virtude? Ou é, hoje, impossível que se constitua como um *ensino* em si mesmo e devemos antes procurar um exercer quotidiano de práticas vivenciais para desenvolvimento pessoal e apuramento do discernimento moral?

Se em todos os tempos e lugares da escola, há real abertura à participação dos alunos para uma construção, passo a passo, do viver em democracia, as questões da indisciplina colocam-se ainda em termos de controlo externo?

O Diário de Turma dá visibilidade e consistência aos acontecimentos que, de alguma maneira, são relevantes para a turma, à posição e à voz de cada um, às decisões e aos compromissos. Permite uma interação que vai dando maturidade à turma através de uma consciencialização mediada pela escrita. Promove também atitudes favoráveis à aprendizagem que são muito valorizadas, e até avaliadas, na escola, mas nem sempre são objeto de trabalho intencionado e sistemático em sala de aula. São qualidades não cognitivas que, ou foram desenvolvidas em casa, graças a um ambiente positivo, estruturado e estimulante ou com os pares, por milagres que estão sempre a acontecer. Ora o vínculo com os colegas é na escola que se cria. Nas turmas. Cada uma com uma vida própria que escapa aos professores. Essas qualidades não cognitivas, determinam uma disposição para agir, com grande impacto nos resultados dos testes cognitivos (Reis,2015). A motivação, a paciência, a perseverança, a confiança, dependem de percursos de vida próprios. Uma interação em grupo, não episódica mas consequente e respeitadora de cada um, constrói grande sentimento de pertença. Essa pertença será tão poderosa que consiga relançar ou mesmo (re)fundar, motores positivos de ação?

O DIÁRIO

Foi numa turma de 7º ano de que era diretora que comecei com o Diário de Turma e a sua leitura sistemática para todos. Foi muito surpreendente para os alunos que não estão habituados a que se preste atenção à vida emocional da turma. Os professores estão nas suas disciplinas, cada um com o seu programa e não sobra tempo nenhum para os assuntos dos alunos. Acontecimentos na escola, extremamente importantes para os alunos, não cabem nas rotinas do fazer a aula. Às vezes, a vida da turma vem ao de cima, mas é quando explodem conflitos. Senão, aquela vida de que nos apercebemos em viagens de estudo ou durante uma marcha na montanha que deixa tempo para conversar enquanto se faz caminho, **essa vida** passa-nos ao lado no quotidiano das aulas.

Continuamos no 8º ano. Apenas pela existência de um objeto chamado DIÁRIO de TURMA e a possibilidade de aí escrever, cada um livremente sobre o que lhe importa, é

já um elemento de construção de pertença e de identidade do grupo, de coesão interna da vida do grupo, expressão de respeito pela turma - e respeito gera respeito...- de aprendizagem de intervenção cívica.

Quando se escreve?

Durante as aulas de Francês. Não é muito prático, mas é quando escrevem. Há uma mesa própria para isso e no início da aula quem quer lá ir, escreve o seu nome no quadro e depois segue-se a ordem da lista, sem a minha intervenção. Há aulas que propiciam mais a escrita e outras que a impossibilitam de todo. Tentei que tivessem o Diário também disponível noutras disciplinas, mas, até agora não funcionou. Em Educação Visual, não escrevem. Na Sala de Estudo, também não, excepto muito pontualmente. Porquê na aula de Francês? Por ser na aula da diretora de turma que lançou a proposta de Diário? Ou então, será um meio, para alguns, de escaparem à disciplina da aula. Os que menos aguentam estar sentados durante uma hora, correm logo no início para o quadro para aí deixar o seu nome. Os melhores alunos não querem perder nada da aula, escolhem com cuidado a ocasião para registar o que querem deixar no Diário.

A adesão à escrita no Diário foi, para mim, surpreendente: não são os que melhor escrevem que escrevem mais. Há alunos que querem escrever sempre, ainda que só para dizer que o dia correu bem ou que gostam da turma; os melhores alunos escrevem menos e de forma mais comedida; há alunos que nunca escrevem. Entretanto, em Conselho, todos se pronunciam. Chamamos Conselho às reuniões da turma com a sua diretora, para leitura do Diário de Turma, discussão de questões que preocupam os alunos, reflexão ética e acordo sobre medidas a assumir pelo grupo, para relacionamento mais harmonioso entre todos.

Há temas principais, retomados ao longo do ano: *Fiz amigos e sou feliz nesta turma/ a comida na cantina/ Ninguém gosta dos lugares/ As brincadeiras estúpidas dos rapazes.*

E temas episódicos que levam a uma escrita intensa grande parte dos alunos, mas por curtos períodos de tempo: *O roubo de cadeado do cacifo/ A campanha para a Associação de Estudantes/ Reação às queixas de professores sobre indisciplinal/ Sala de*

estudo liderada por estudantes/ conflito com a funcionária do piso/ Aula de ioga/Problemas com alunas que chegam atrasadas às aulas.

Entremeadamente com estes assuntos, aparece a questão da distribuição dos lugares em sala de aula. O espaço é desfavorável. Um retângulo estreito, diminuto para trinta alunos, que mais parece um corredor, a afastar os do lá do fundo do quadro, o lugar onde verdadeiramente se passam as coisas. Na generalidade das aulas, nas mesas da parte de trás da sala, há desconcentração e acabam por se gerar conflitos. Nas outras turmas, esta questão nem sequer é debatida. Aqui houve 4 fases, com andanças entre o individual e o coletivo, com muitos momentos de escrita:

1. Sentaram-se onde quiseram. Cada professor foi fazendo ajustes na sua aula.
2. Na reunião intercalar de novembro, com a participação dos alunos delegado e subdelegado, o Conselho de Turma fez uma planta da sala que colocava à frente os que se distraíam mais e separava os alunos com mais tendência a conversar. Os amigos que procuravam manter-se juntos dentro da sala viram-se em lugares afastados e contestaram a decisão. Foram instados a apresentar alternativas justas para todo o grupo turma. O debate prolongou-se até ao final do primeiro período sobre a grande questão: ninguém tem o direito de prejudicar os outros.

Também não gosto nada do meu lugar, porque como as persianas estão estragadas reflecto-se no quadro e no meu lugar.
E aliás, ninguém gosta dos lugares e se metem os maus alunos à frente, a continuarem a portar-se mal e eu que quero estar atenta não posso.
É até acho que numa sala de aula para haver harmonia entre alunos e professores, todos têm de estar satisfeitos.
Margarida, mº 3.

Manuscrito 1

Há alunos que são eco da posição de alguns professores pouco dispostos a acreditar que grandes transformações são possíveis: quem não quer aprender que fique lá no fundo e os que trabalham que venham para a frente. Não é fácil contrapor cooperação a individualismo. Mas é esse passo que significa subir um degrau no desenvolvimento moral do grupo. Eu própria escrevo no Diário e faço trabalhar a ideia de que temos condições para fazer avançar todos. Reunimo-nos para elencar essas condições que são um recurso forte da turma. Na verdade, gostam da ideia de não abandonar ninguém e há aqui uma tomada de consciência importante. Discute-se o que é que provoca desatenção nas aulas, há pedidos aos professores para “aulas mais experimentais” e organiza-se uma sala de estudo quinzenal liderada por alunos.

Há uma aluna que diz: *Na minha opinião, penso que se deveriam mudar os lugares, no sentido de os alunos se sentirem satisfeitos onde estão e estarem atentos, porque se não se sentirem bem, não conseguem estar atentos. Também acho que deveriam tratar do assunto do teto porque quando chove fora da sala também chove dentro e as consequências disso, a mesa da Mariana e o chão ficam molhados e depois, quando as pessoas pisam, fica tudo cheio de lama.*

No Diário aparecem protestos reclamando os antigos lugares *que eram melhores*. Há duas alunas a escreverem para afirmar que *os que se portavam mal nos lugares de trás, continuam a portar-se mal à frente*.

3. Em janeiro, procede-se a nova mudança de lugares por proposta do Professor de Matemática. Desta vez, as mesas organizam-se duas a duas para o trabalho em pares de ajuda, em todas as disciplinas. Fica um grande espaço ao meio da sala que possibilita melhor circulação do professor e a aproximação a cada aluno. A reação dos alunos é muito positiva:

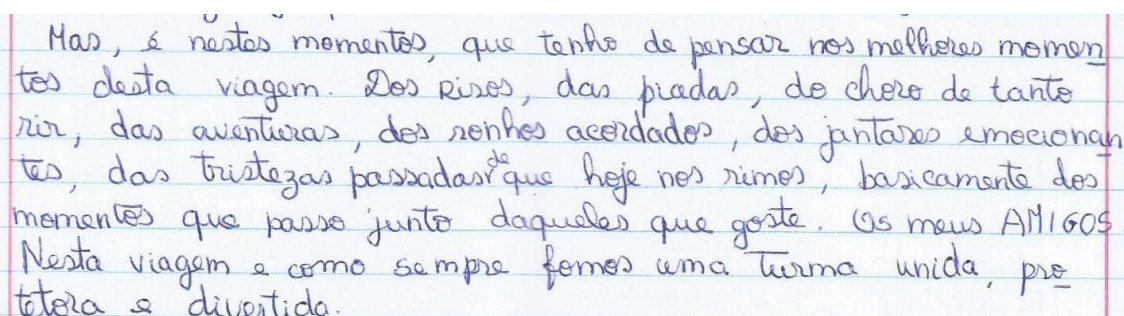
Para começar gosto do que
a prof. Mamuela escreveu.
A má verdade concordo pois
a dinâmica da turma é
melhor e também achei muit
to bom a fundamentação
que com que foi feita a
organização da turma.
O espírito de "compadecimento"
é muito bom e eu gosto.
De resto só queria desejar um
bom ano a todos, (apesar de ser dia 7)
Dinís Guedes N.º 14

Manuscrito 2

O trabalho em pares de colaboração e ajuda prossegue com grande boa vontade da maior parte dos alunos, porém continuam as queixas dos alunos que estão no fundo da sala e se sentem em posição desfavorável. Alguns sucessos espetaculares do trabalho a dois, de que é exemplo uma excelente evolução na expressão oral de um aluno até ali com imensa dificuldade de articulação em francês, fez exultar a turma toda. Foi um sinal fortemente positivo do que pode a troca de ajuda, porque a aluna que tinha ajudado à evolução, apresentou ela própria um trabalho escrito que produziu para o colega.

4. Início de 3º período: Nova reestruturação organizada pela delegada e delegado de turma, com um grupo de colegas. Encontram uma solução para chegarem todos para a frente. Fazem-se filas horizontais de 3 + 2.

Foi uma mudança bem aceite, mas passado um tempo recomeçam as queixas. PORÉM, esta atenção à turma, estes ajustamentos com discussão, construiu entre outras coisas uma grande confiança no grupo e no seu funcionamento. Num texto de maio, encontro uma frase que me gratifica extraordinariamente: "... como sempre, fomos uma turma unida, protetora e divertida".



Mas, é nestos momentos, que tenho de pensar nos melhores momentos desta viagem. Dos risos, das piadas, do choro de tanto rir, das aventuras, dos sonhos acordados, dos jantares emocionantes, das tristezas passadas que hoje nos rimos, basicamente dos momentos que passo junto daqueles que goste. Os meus AMIGOS. Nesta viagem e como sempre fomos uma turma unida, protetora e divertida.

Manuscrito 3

Valeu a pena. É um projeto a continuar.

CONCLUSÃO

Sérgio Niza não se cansa de lembrar que “a escrita é o instrumento principal do trabalho intelectual.” Nos seus escritos como nas suas conferências e conversas. “É o próprio da escola”, diz, pois “a escola nasceu para ser a escola da escrita”. É a escrita que nos transforma em trabalhadores intelectuais. A nós e aos alunos. Na continuidade de escritas em Diário de Turma, constatamos o seu papel essencial para a tomada de consciência sobre o significado dos factos nas suas múltiplas facetas. Encontrar as palavras e chegar à verbalização dos factos, que tecem a realidade concreta que importa a todos, cria uma cultura de gosto pela verdade. O batalhar, à procura das palavras certas para melhor dizer, desenvolve sensibilidade e aprofunda sentimentos. A escrita é assim um instrumento também de desenvolvimento moral. Quem escreve, fá-lo com

todo o seu ser. Cada um o faz à sua maneira. Há um grande respeito pelo outro que se pratica na leitura coletiva do que escreveu.

Interrogar a realidade com desassombro e espírito crítico é um trabalho duro que não se articula pacificamente com aceitação das hierarquias, disciplina feita de obediência e esforço sem projeto pessoal. Mas é desta maneira que é um trabalho emancipatório. Não se pode exigir ao aluno que seja, ao mesmo tempo crítico e disciplinadinho, na conformidade ao que lhe é pedido.

Os valores que queremos desenvolver na escola são relativamente consensuais. Estão nos preâmbulos das leis, na introdução dos documentos norteadores da ação dos Agrupamentos, nos Projetos Educativos. Mas se, para os desenvolver, enfileirarmos nas rotinas instaladas elas conduzir-nos-ão ao seu contrário.

Um Diário de Turma é feito de textos subjetivos. Que são lidos para todos e discutidos no coletivo. Nada mais longe da pregação catequística para desenvolvimento moral. Porque aqui é da expressão de cada sujeito que se parte. Eis toda a diferença.

Referências bibliográficas

Ivo Domingues (2001) *Controlo disciplinar na escola – processos e práticas*, Porto: Texto Editores

Niza, Sérgio (2012). *Escritos sobre Educação*. Lisboa: Edições Tinta da China.

Reis, Hugo (2015) Determinantes da desigualdade no desempenho escolar em países da OCDE in *A escola e o desempenho dos alunos* Edição: Fundação Francisco Manuel dos Santos

Revista on-line:

Que lugar para a Educação Moral na Escola? Disponível em:

<http://skhole.fr/questions-ouvertes-pour-l-ecole-du-xxie-siecle-quelle-place-pour-l-education-morale-a-l-ecole> (consultado a 26/09/2015)